



# Diadema utópica

ESTÚDIO VERTICAL

1º SEMESTRE DE 2021

BANCA 01

29.03.21

ELIZA PREVIATO

GABRIELA ROCHITTE

JORGE FORJAZ

NARA ALBIERO

NINA AKL

LEONARDO SARABANDA



A princípio, buscamos maneiras de compreender o território de Diadema utilizando as ferramentas limitadas à nossa disposição. Com esse objetivo, mapeando o uso do solo, densidade populacional, equipamentos públicos, espaços públicos etc. Parâmetros nos quais nos apoiamos em busca do real. Contudo, logo entendemos que nosso conhecimento sobre a cidade ainda era demasiado limitado e irremediável pelo distanciamento físico e a dificuldade de estabelecermos contatos com seu habitantes. Concluimos, então, que até certo grau, seria impossível fugir do olhar do estrangeiro.



**Como fazer do olhar estrangeiro  
um potencializador e não um  
limitador do trabalho?**





## Especulação, experimentação e Utopia como ferramenta de pensamento crítico

As utopias urbanas não seguem modelos ou fórmulas, não se fixam sobre uma escala, elas associam possíveis e impossíveis e produzem variedades de imagens. Um dos paradoxos da utopia (talvez o maior) é que elas tocam o real através do mundo dos artifícios. E segundo Schérer, a utopia crítica, analisa e revela fazendo estourar as mediocridades e defeitos do nosso vivido, ela vem de fora e instala-se por entre nós agindo como um estrangeiro, em que se misturam o próximo e o longínquo, revelando o que não vai bem.

No fundo de cada Utopia não há somente um desejo, há também um protesto. [...] toda Utopia torna-se subversiva, pois é o desejo de romper com a ordem existente. [...] A Utopia é sempre um sinal de inconformidade e um prenúncio de revolta. (ANDRADE, 1978, p.194)

Isto posto, chegamos no conceito do trabalho:



**A partir do olhar do estrangeiro,  
não viciado pela convivência diária,  
faremos proposições urbanas  
utópicas representadas em  
cartografias como maneira de refletir  
sobre e investigar o território de  
Diadema e seus atributos urbanos,  
sociais, ambientais e econômicos.**



The image features a dense halftone dot pattern. A faint, light-colored world map is visible in the background, centered on the Atlantic Ocean. Overlaid on this map is the word "Utopia?" in a bold, orange, sans-serif font. The text is positioned in the lower-middle section of the image.

Utopia?



# Utopia

A origem da palavra utopia é marcado por mutabilidade e imprecisão: autores consideram a palavra ambígua e paradoxal por seu duplo prefixo, abrindo um duplo sentido: outopos, o não-lugar ou eutopos, o bom-lugar. Muitos acreditam que foi pronúncia inglesa do latim — igual em ambos os casos — que primeiro causou essa ambiguidade, mas **Thomas More, autor do livro Utopia** (1516) certamente teve um papel importante na manipulação e popularização do termo. Na obra satírica, constantemente empregando os dois sentidos da palavra de forma complementar, More **cria um país imaginário chamado Utopia, um lugar de materialidade etérea onde se poderia viver em harmonia.** Com o passar do tempo, Utopia foi tornando-se utopia, passou de **nome próprio a substantivo comum com emprego cada vez mais generalizado.** A palavra utopia pode ser considerada como uma construção tipicamente ocidental surgida na época moderna, na aurora da nossa modernidade:



# Utopia

*u·to·pi·a*

sf

1 Qualquer descrição ou **conceito imaginário de uma sociedade com um sistema social, político e econômico ideal**, com leis justas e dirigentes e políticos verdadeiramente empenhados no bem-estar de seus membros.

2 POR EXT **Plano ou sonho irrealizável**; ideia generosa, porém impossível; fantasia, quimera.



# Utopia

Na segunda metade do século XX, a utopia pareceu se engajar em uma nova via. A sua forte presença nos movimentos de vanguarda (culturais e artísticos), nas teorias sociais e políticas contrastou com a dispersa produção literária. Mas justamente nesse mesmo período houve uma notável proliferação da utopia e de suas expressões em outros campos da arte focados na criação de imagens.

Utopias urbanas são as invenções que tomam o urbano como ambiente/criação essencial, são expressões críticas focadas em concepções espaciais, na invenção de cidades que não existem, obras que constroem não lugares. As utopias urbanas criam estes não lugares como importantes instrumentos de reflexão, como parte de um processo crítico que se utiliza da lateralidade, da invenção livre de formas, da variabilidade de enfoques, meios e modos de expressão para pensar sobre a cidade e sua complexidade.



MURPHY, Douglas. **The end of utopia.** The Architectural Review. Londres, n° 1432, junho de 2016.

OLSBURG, Nicholas. **The mirage of an ideal metropolis.** The Architectural Review. Londres, n° 1432, junho de 2016.


Para entender o uso da utopia como ferramenta na arquitetura e urbanismo modernos, nos baseamos em nos artigos da revista Architectural Review da edição n° 1432 intitulada *Notopia*.

Os artigos explanam o contexto histórico e econômico que impulsionou as proposições utópicas tanto nos anos que seguiram a Primeira Guerra — com o enfoque funcionalista e higiênico do movimento moderno, como *Ville Radieuse* de Le Corbusier — quanto nas décadas de 1960 e 70 — cujas propostas apresentadas por grupos como o Superstudio, Independent Group, Situacionistas, Archigram e Metabolistas se rebelavam justamente contra os ideais modernistas. Muitas dessas novas propostas, realizadas durante a curta Era Espacial sob a ameaça de uma guerra nuclear, pairavam incertas entre o fantasioso e o possível, o satírico e o aspiracional, mas todas celebravam a metrópole — tão frequentemente caracterizada como um lugar de corrupção, sofrimento e prazer desordenado em contraste com o ritmo arcadiano do campo — como tabuleiro imaginativo para visualizar, reposicionar e representar os padrões de um mundo ideal.

Apresentam, também, o conjunto de fatores que levaram ao subsequente declínio das criações utópicas nas décadas por vir com as crises e desaceleração do crescimento econômico, a recém descoberta — e logo esquecida — preocupação ambientalista, a miniaturização do desenvolvimento tecnológico rumo ao ciberespaço e a revalorização das cidades antigas. Tudo isso contribuiu para que a Utopia ligada à arquitetura adquirisse um caráter pejorativo que perdura até hoje.

Por fim, agora que estamos com os pés firmemente cravados no Antropoceno, todos os receios que alimentaram as proposições utópicas há meio século deixaram de ser ondas eminentes no horizonte: estouram sobre nossas cabeças. As previsões da climatologia, a crescente escassez de recursos naturais, a desigualdade social, a ascensão da direita política e a pandemia do covid-19 — em 2016 ainda por vir — conferem ao presente um aspecto inconfundivelmente distópico. Talvez um pouco de Utopia não seja uma má ideia.



The background of the slide is a halftone illustration of a city skyline. The buildings are represented by vertical lines of varying heights and widths, creating a sense of depth and perspective. A large, stylized 'X' is overlaid on the city, formed by two intersecting diagonal lines that cross in the center. The entire image is composed of a grid of small dots, giving it a textured, halftone appearance.

**“Não há nenhuma vocação nas utopias urbanas de tornarem-se reais, de serem realizadas, mas bem o contrário, a vocação das utopias urbanas é sua criação contra a realidade, se afirmar e resistir frente à realidade.”**

(DADOUN, 2000, p. 39)



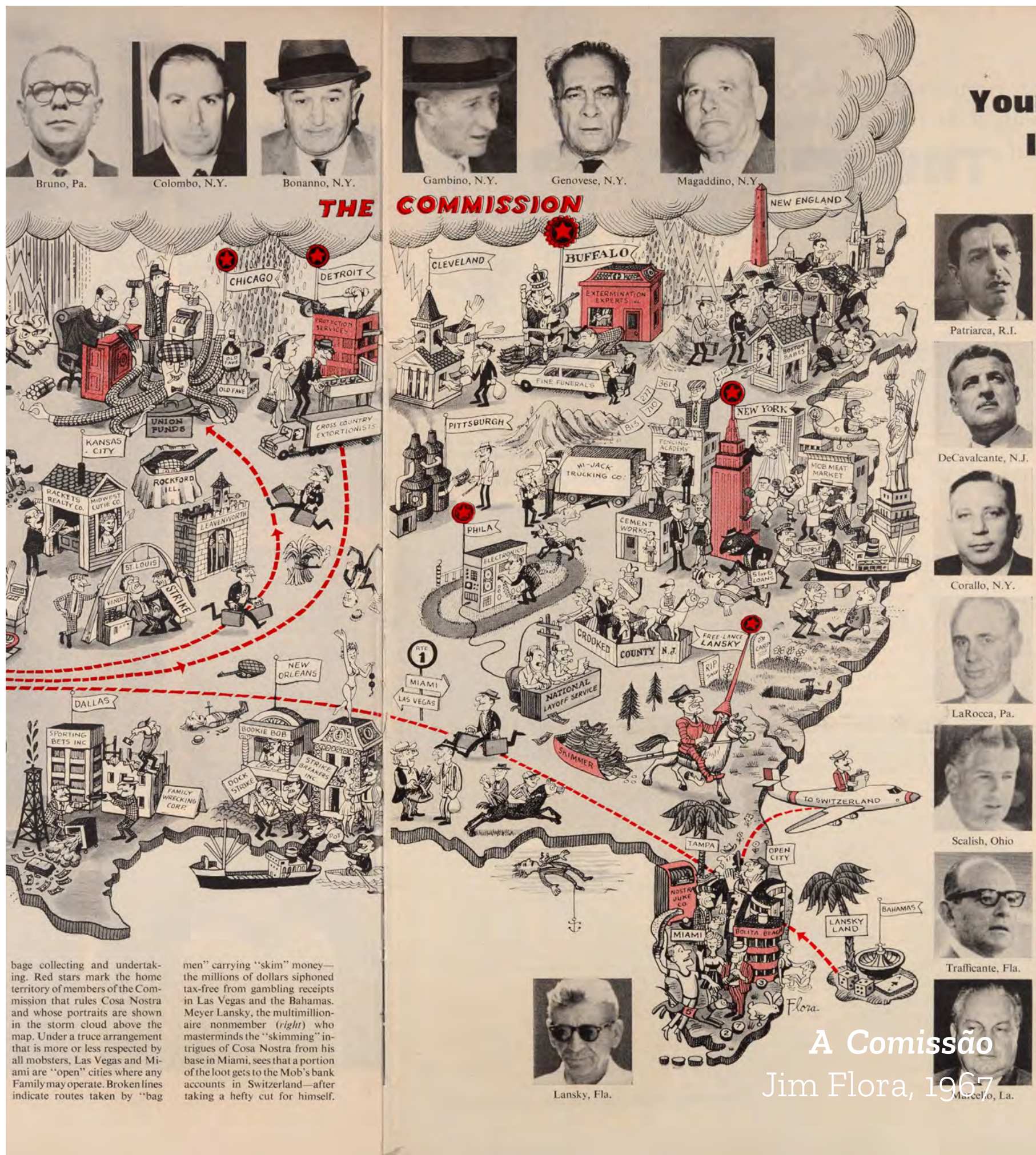
# Representação

Um mapa pode influenciar o imaginário de seu contexto. Assim, justamente pelo não compromisso com a realidade que a utopia evoca e a vontade de apropriar-se do olhar do estrangeiro, o ato de mapear e a cartografia surgem como substratos onde essa convergência pode ser fortuita.

Para isso, faz-se necessário apostar em critérios outros que não os mais usuais da cartografia. No caso, no que diz respeito aos critérios tanto da elencagem de dados quanto das representações escolhidas. Tanto o mapeamento quanto a produção cartográfica final podem ser embasamentos diretos de análise e das decorrentes proposições utópicas. O fim que se espera é podermos explorar essas ferramentas como forma de adicionar dados a nossa pesquisa sobre Diadema, dados esses que passariam pelo filtro não-autóctone.

O ponto que por ora fica em aberto é precisamente o fim que as colocações utópicas tomariam: elas seriam antes uma camada adicional ao mapeamento ou uma metamorfose das informações colhidas e geradas com o mapeamento?

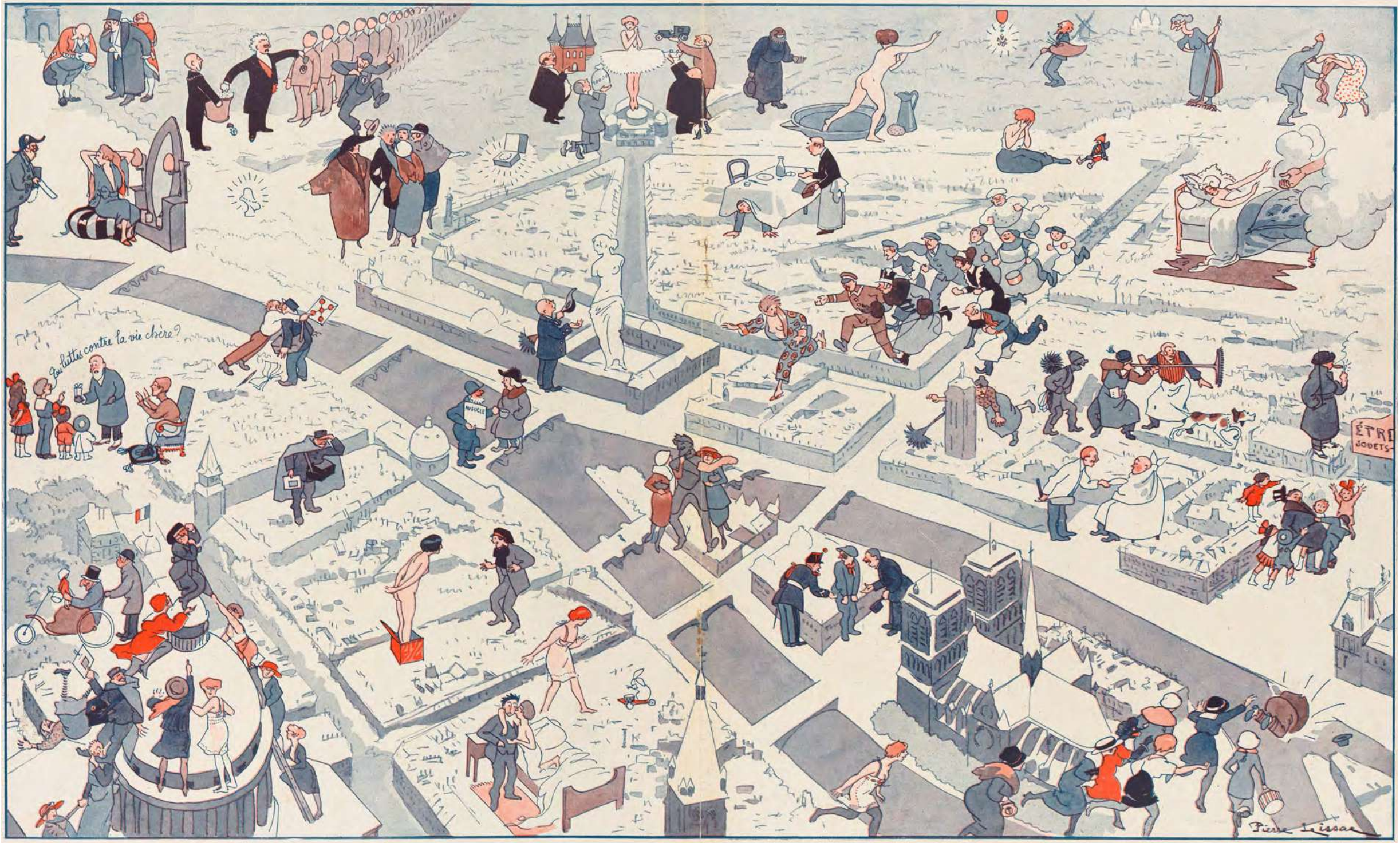






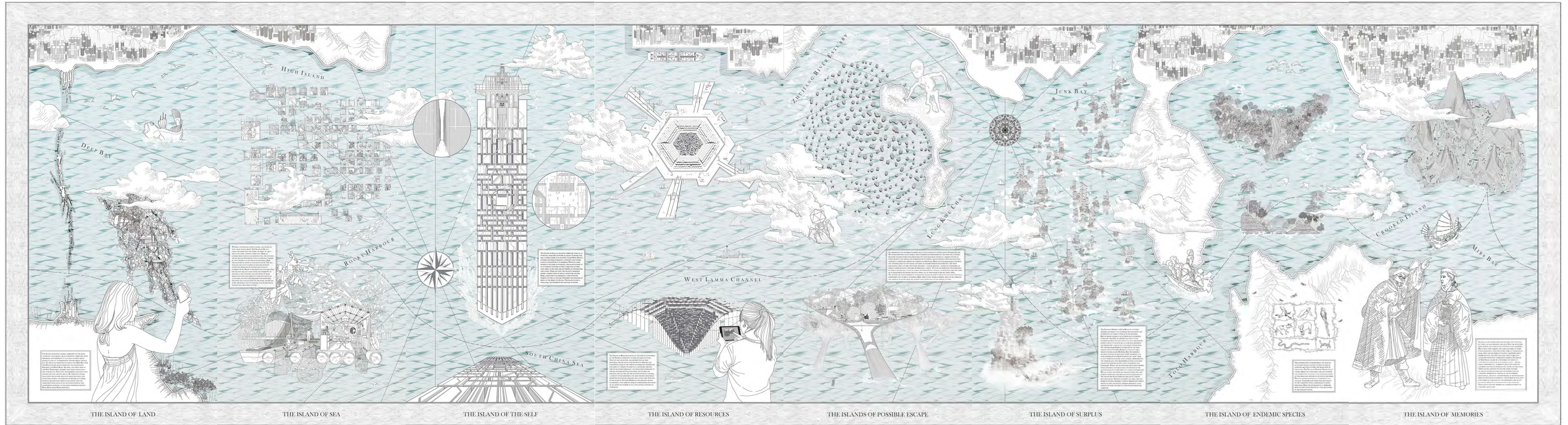


**Paris in the Jazz Age**  
 Pierre Lissac, 1920



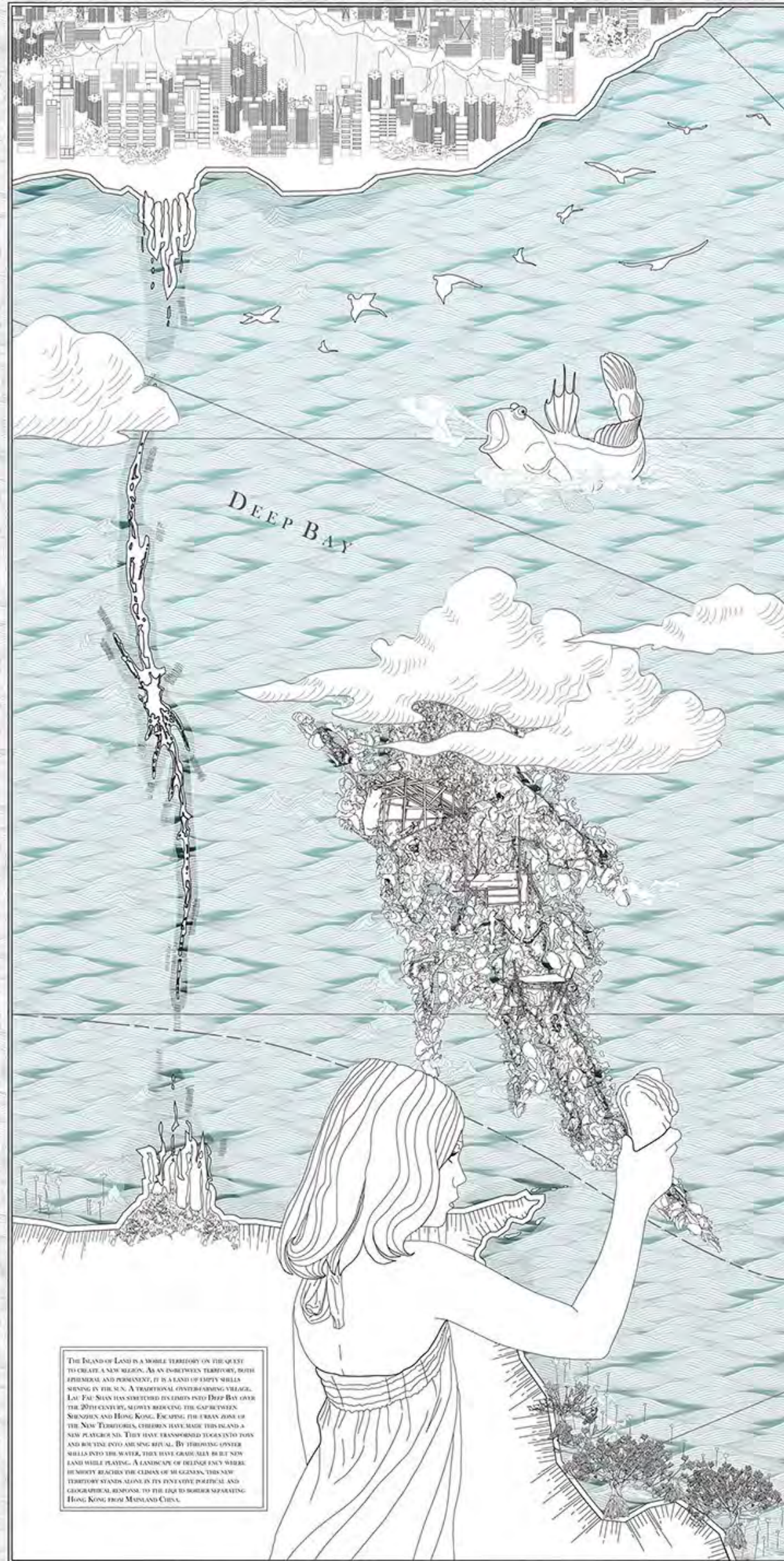
**Paris, Le 1er Janvier**  
 Pierre Lissac, 1920



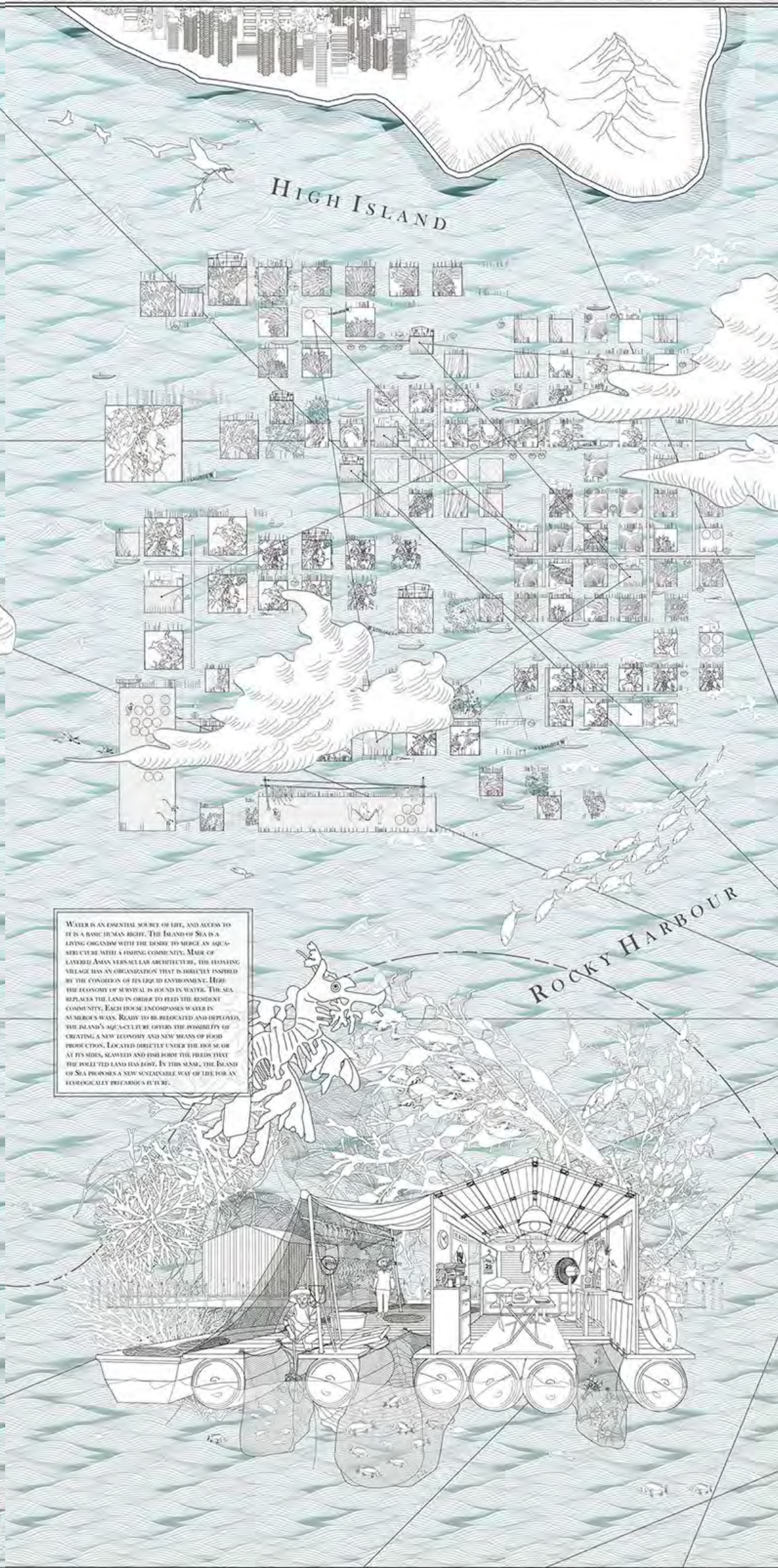


**Hong Kong is Land**  
 MAP Office, 2014

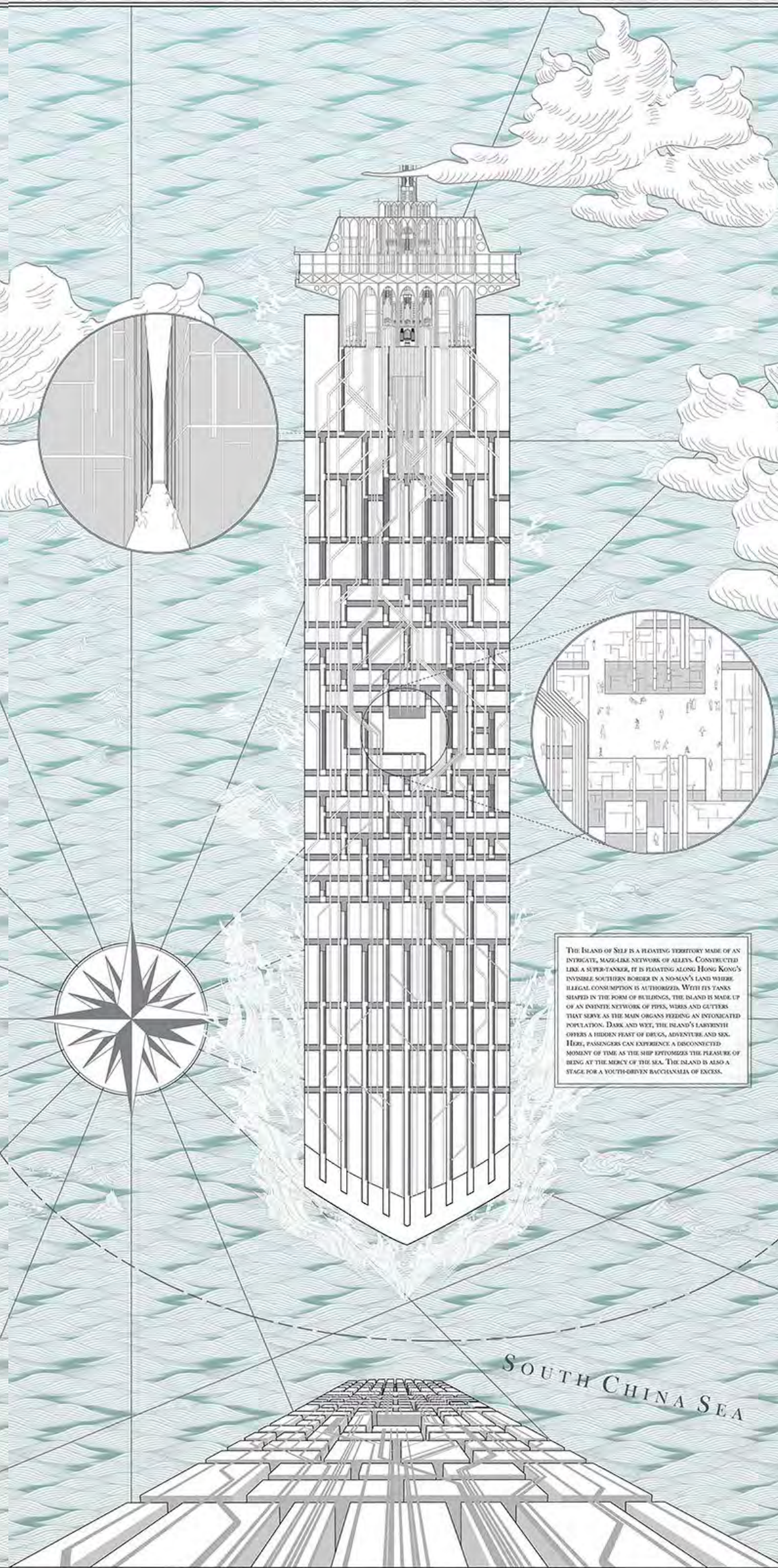




THE ISLAND OF LAND



THE ISLAND OF SEA



THE ISLAND OF THE SELF



THE ISLAND OF RESOURCES

The Island of Land is a mobile territory on the water to create a new region. As an offshore territory, with freedom and movement, it is a land of open while being in the sea. A traditional overlooking view, Lau Fau Shan has stretched its length into Deep Bay over the 19th century, where beyond the Cape Horn, Ninous and Hong Kong. For some, the main axis of the New Territories extends from the Cape Horn and the island. They have transferred the island into the sea and into the open sea. By floating over the water, they will create a new land while playing. A floating on the water, they will reach the island of resources. The territory stands alone in its own right, and is a floating island in the sea to border between Hong Kong and Macau.

Water is an essential source of life, and even to it is a home. The Island of Sea is a living organism with the same structure as we see with a forest community. Made of natural elements like architecture, the floating island is an organism that is shaped by the condition of its life in the water. The Island of Sea is a land in order to feed the island community. It is a floating island in the water, ready to be relocated and adapted. The island's structure is a floating island, creating a new economy and new means of production. It is a floating island in the water, ready to be relocated and adapted. The island's structure is a floating island, creating a new economy and new means of production. It is a floating island in the water, ready to be relocated and adapted.

The Island of Self is a floating territory made of an organic, modular network of cells. Constructed like a submarine, it is floating along Hong Kong's offshore waters. In a woman's land, where the island is a floating island. The island is made up of an organic network of cells, which are ready to be relocated and adapted. The island's structure is a floating island, creating a new economy and new means of production. It is a floating island in the water, ready to be relocated and adapted.

The Island of Resources is a floating territory on the water to create a new region. As an offshore territory, with freedom and movement, it is a land of open while being in the sea. A traditional overlooking view, Lau Fau Shan has stretched its length into Deep Bay over the 19th century, where beyond the Cape Horn, Ninous and Hong Kong. For some, the main axis of the New Territories extends from the Cape Horn and the island. They have transferred the island into the sea and into the open sea. By floating over the water, they will create a new land while playing. A floating on the water, they will reach the island of resources. The territory stands alone in its own right, and is a floating island in the sea to border between Hong Kong and Macau.



# REFUGEE REPUBLIC

SINCE 2012

EXPLORE THE MAP BY ZOOMING, CLICKING AND DRAGGING OR CLICK ON A WALK TO ENTER THE CAMP.

- CAMP CONSTRUCTION ROUTE 
- CAMP SMART ROUTE 
- CAMP LIFE ROUTE 
- CAMP MONEY ROUTE 

